

Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 16 - Ano 8 - Nº 16 – 2º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

9 – MAPEAR COMO ESTRATÉGIA: acompanhamento e análise da complexidade do fazer arteterapêutico

MAPPING AS A STRATEGY: following and analyzing the complexity of arttherapy practices

Tatiana Fecchio et al.*

Resumo

Este artigo traz dez relatos sobre o uso do mapa cartográfico como ferramenta ao arteterapeuta no processo do seu fazer. O cartografar se oferecendo como possibilidade de registro e estabelecimento visual de relações – entre as percepções do arteterapeuta sobre si próprio, o expressar ampliado do *outro* (suas ações, falas, oscilações, hesitações e produções), as materialidades, o reconhecimento de estruturas simbólicas, as hipóteses de leitura simbólica, as atividades elaboradas – dentro de uma estrutura que permite leituras dinâmicas e visuais não lineares. Aqui também fica explícito que o mapear se adapta, como representação, tanto ao arteterapeuta quanto ao que este deseja trazer à atenção.

Palavras chave

Arteterapia, cartografia, mapeamento, registro, psicologia analítica

Abstract

This article brings ten reports about the use of the cartographic map as a tool for the arttherapist in the process of his doing. Mapping offers itself as a possibility to record and visually establish relations – between the perception of the therapist about himself, the expanded expression of the other (their actions, voices, oscillations, hesitation and productions), the materialities, the recognition of symbolic structures, the hypothesis of symbolic reading, the elaborated activities - inside a structure that also allows dynamic reading and non-linear visuals. Here also it is made clear that the mapping adapts itself, as a representation, as much to the arttherapist as to the one it desires to call for attention.

Keywords

Arttherapy, cartography, mapping, registration, analytical psychology

* **Tatiana Fecchio** - Bacharel e licenciada em Artes Visuais (Unicamp), Pedagoga (Unifran), com mestrado e doutorado em Arte (Unicamp- FAPESP/CAPES) e especializações realizadas nas áreas de "Artes e Novas Tecnologias" (UnB), "Arteterapia" (Unicamp), "Caminhada como Método para a Arte e Educação" (Casa Tombada/Edith Derdyk). 11.964195047 / tati.fecchio@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este é um artigo escrito a muitas mãos.

É um exercício coletivo de refletir sobre o processo do acompanhar arteterapêutico como um caminhar passível de ser mapeado em diferentes instâncias: O fazer daquele que acompanho; a relação que se dá com as materialidades; os processos vividos no sujeito arteterapeuta; as hipóteses vislumbradas, as escolhas e encaminhamentos efetivados; as estruturas simbólicas desveladas; as referências de apoio e as pesquisas que se realizam.

Neste descrever, memorar e refletir – encontro a encontro –, se dá um mapa, uma cartografia que é aberta e que apenas passa a se constituir no deslocamento mútuo de todos os envolvidos. Mapeamento que tenta uma aproximação do complexo inerente ao fazer arteterapêutico.

Como um mapeamento cartográfico acontece em um contexto arteterapêutico? Como ele pode ser construído? Quais os desafios neste processo de transformação de experiência em registro?

A cartografia, largamente discutida no campo da Geografia e da Arte (junto aos situacionistas) aqui é apropriada metaforicamente como a possibilidade de, ao materializar graficamente percursos, também se configurar no processo como um mapa de deslocamentos e possibilidades.

DESENVOLVIMENTO

As reflexões sobre os mapas, na sequência, apresentados, são resultado de uma atividade iniciada nas aulas de “Raciocínio Arteterapêutico”¹ que teve por intenção o compreender e o exercitar de uma nova possibilidade de registro das atividades de estágio.

Esta atividade teve por consigna realizar o mapeamento de uma sessão, (de cinquenta minutos a duas horas de duração a depender da especificidade dos locais de atendimento), escolhida pelo aluno e realizada durante o tempo de estágio, tendo por objetivo explicitar aquilo que parecia dali mais relevante e significativo. Esta forma de

propor a atividade possibilitou a grande diversidade dos mapeares aqui apresentada. Cada qual, voltado em geral às primeiras sessões de estágio, priorizando alguns aspectos da experiência deste debruçar-se sobre a prática e sobre o acompanhar do outro.

O resultado desta reflexão pareceu a todos tão rica que se decidiu, coletivamente, gerar dela uma publicação compartilhando parte das aquisições experienciadas.

Desta forma serão apresentados treze mapas, referentes a dez situações analisadas, com comentários reflexivos referentes a sua construção, usos, sobre suas potências e limites.

A ideia é a de evidenciar que a prática cartográfica é uma ferramenta importante do raciocínio arteterapêutico que desencadeia diversas camadas de processos quando o acompanhar arteterapêutico assume o lugar de metáfora do “acompanhar processos”. O papel do caminhar (na sua ordem de transformação e deslocamento), da atenção e do mapear assumindo um lugar potente aos desvelamentos realizados encontro a encontro, atividade a atividade, sendo continente gráfico e visual a diferentes camadas e maneiras de aproximação.

Nesse sentido nos apoiaremos, essencialmente, em três publicações. No livro *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade* (2009) de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia que nos ajudaram a olhar o processo arteterapêutico como um caminho de reconhecimento e identificação de pistas. *Políticas da Cognição* (2008) de Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco e Eduardo Passos e no livro de Francesco Careri, intitulado *Walkscapes: o caminhar como prática estética* (2013).

De Careri interessa a possibilidade de leitura simbólica daquilo que descreve como caminhar e neste sentido efetivar uma travessia. Considerando o processo de individuação (Jung, 1989) – tornar-se o que de fato se é enquanto *individuun* único – também como um atravessar, o acompanhar do outro neste percurso se enriquece de camadas e possíveis abordagens. Para este autor, percurso é “...o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha

¹ No curso “Arteterapia Analítica” da FMU (Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas) em São Paulo, sob a regência da professora Tatiana Fecchio.

Esse mapeamento teve como objetivo mostrar a escolha de materiais plásticos que os participantes fizeram para expressar seus sonhos – recorrentes ou da noite que antecedeu a sessão – no primeiro encontro do grupo que foi realizado no dia 5 março de 2020.

Do lado esquerdo superior do mapa pode-se observar um círculo com setas representando o primeiro momento da sessão em que todos os participantes do grupo se sentaram em círculo para uma breve apresentação individual dos pacientes e dos estagiários-arteterapeutas, para trocas sobre o contrato, o objetivo dos encontros e formato do grupo, bem como para o compartilhar dos sonhos recorrentes ou da noite que havia antecedido o grupo. Em seguida, os pacientes foram convidados a um segundo momento no qual se dirigiram às mesas com diversos materiais plásticos para que pudessem expressar-se livremente sobre o que sentiram, perceberam e pensaram, a partir do seu sonho.

Aqui compartilharei, exclusivamente, as minhas observações e percepções.

No mapa, as setas em sentido horário no círculo, representam que o primeiro momento foi harmonioso e que aconteceu dentro de um tempo esperado (por isso a escolha das setas no sentido horário). Eu e as estagiárias conduzimos bem, tanto o primeiro momento como o segundo momento, por isso não constam qualquer observação. Todos em harmonia, seguindo o tempo tranquilamente.

Abaixo do círculo encontram-se os resultados do primeiro momento, tais como, interação, integração do grupo; empatia e o estabelecimento da aliança terapêutica também representadas pelo círculo com as setas girando no sentido horário.

O segundo momento está representado pelos dois círculos maiores, as duas mesas redondas encostadas e os círculos pequenos ao redor das mesas representam os participantes e a escolha do material que cada um fez para a realização das suas produções. Há uma seta em arco ligando o primeiro momento ao segundo mostrando que a interação, integração, empatia e aliança terapêutica permaneceram também no segundo momento até o encerramento. No fechamento houve *feedbacks* positivos por parte dos pacientes e estagiários responsáveis por esse grupo.

Do lado direito inferior do mapa, estão

escritas as atitudes observadas por mim referentes aos pacientes do grupo de maneira geral, tais como, “pareciam atentos”, “concentrados” ou “imersos” em suas produções. Cerca de dois participantes, conversaram enquanto realizavam as suas produções.

Muitos utilizaram folhas grandes, papéis tipo Canson ou sulfite, revistas, tesoura e cola para realizarem colagens, desenhos e pinturas; lápis comum, lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de cera e giz pastel oleoso para desenharem; pincel e guache para as pinturas. Um dos pacientes, que está representado pelo círculo totalmente preenchido, foi mobilizado a partir do sonho de um colega do grupo (sonho bastante intenso e de simbologia profunda) porque sentiu-se tocado quanto às suas próprias questões o que pode ser visto no preenchimento do círculo que o representa. A mudança na escolha dos materiais está assinalada junto aos pacientes com preenchimento de traços.

Na parte inferior do mapa está representado o segundo encontro cujo primeiro momento está também representado pelo grande círculo, no qual as setas estão mais acentuadas para evidenciar que houve a necessidade de um tempo maior à atividade, e no qual aconteceu uma roda de conversa espontânea, devido à mobilização que experimentaram com os sonhos e produções do momento anterior (por isso as grandes flechas vindas de cima).

Eu os conduzi a pensar no que poderia representar os símbolos trazidos por eles, e como poderiam aprender a ler os seus inconscientes a partir dos símbolos e das expressões plásticas e/ou artísticas. Pude perceber que a demanda desse grupo exige um tempo maior de expressão verbal a partir das realizações de suas produções. Estas percepções foram introduzidas no círculo inferior esquerdo ao qual várias das flechas apontam. Foi a partir desta evidência que pensei em talvez sugerir na continuidade desse trabalho, uma semana de imaginação ativada do sonho e sua expressão plástica e/ou artística e na semana posterior uma sessão de observação dessas produções com roda de conversa sobre os temas que surgirem. Parece que houve um aprofundamento dos conteúdos expressos neste segundo momento. Isso ficou evidente nas produções a partir do sonho que

destes elementos retângulos além de inserir alguns sinais. Nesta intervenção acabei por criar uma segunda camada possível de leitura, pois as cores escolhidas acabaram por denotar situações diversas, a saber: azul para aquilo que chamei de processo e descrição do encontro, verde para as falas e sentimentos expressos pelo analisando, amarelo e marrom para as arteterapeutas, sinal de interrogação para sentimentos e dúvidas que surgiram no decorrer da vivência, as setas indicam relação e correlação entre os dizeres. Alguns retângulos ainda foram preenchidos pela cor vermelha que ressaltou e colocou em evidência tanto as falas do analisando em relação às situações de conflito do dia quanto outros eventos que revelavam demandas importantes para abordar em atividades futuras.

A criação do mapa facilitou a síntese do encontro, expressando de maneira visível aquilo que havia sido importante e permitindo ainda estabelecer outras conexões, ressaltando pontos de atenção. O mapa, nesta construção que é feita “a posteriori” permite uma aproximação que revela ditos e não ditos como, por exemplo, o fato de eu ter percebido, apenas após finalizar o mapa, que só colocaria uma fala da outra arteterapeuta embora soubesse que ela era autora de muitas outras (esta percepção me apontando uma reflexão e um encaminhamento de mais atenção para o próximo encontro). Depois de terminado o mapa, senti que ainda caberia palavras ou momentos que revelassem o que estava ocorrendo em mim neste processo de fazer arteterapia. Embora estas reflexões estejam no mapa, poderiam ter sido apontadas com um reconhecimento específico.

Estas dinâmicas mostram que o mapa é um lugar de reflexão e que sua construção, por si só, desvela questões futuras a serem abordadas. O exercício do mapear, neste sentido, é formativo e auxilia a reflexão sobre o exercício da prática arteterapêutica.

Mapa da LILIAN. Atividades, ações e reações

O mapa compartilhado (Figura 04) diz respeito a um acompanhamento realizado no dia 12/02/2020 no SAICA/Itaquera localizado na zona Leste da cidade de São Paulo. Foi a primeira sessão individual com Martim², de 8

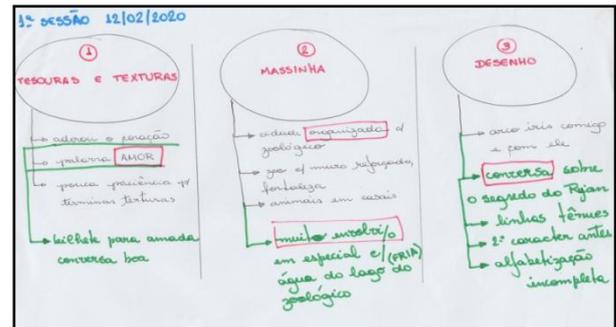


Figura 04. Mapa realizado por Lilian. Atividades, ações e reações.

anos, acolhido há vários meses nesta instituição. Num primeiro momento, em trabalhos coletivos anteriores, senti Martim como uma criança imperiosa, violenta e que lidava muito mal com as frustrações, tendo ataques de raiva nos quais precisava ser contido fisicamente pois, além de ferir os cuidadores e colegas, também se machucava.

Na dinâmica de registro, fazia as documentações logo após a finalização das sessões, por gravação de áudio e posterior transcrição para documento eletrônico, onde organizava os textos das anotações e as fotografias das expressões.

Percebi que ao fazer o mapa acabei por construir uma visão bastante sintética dos fazeres considerando basicamente: as três diferentes expressões realizadas por Martim (ações), os produtos delas resultantes (expressões plásticas) e as reações que explicitaram tanto o paciente quanto aquelas sentidas pela terapeuta.

Na primeira atividade foram disponibilizados tesoura e papéis com diferentes texturas. Seguindo as instruções com atenção e delicadeza, Martim dobrou uma folha de sulfite A4, espelhou a mão, contornou-a com canetinha, recortou e retirou um coração. Depois usou o coração retirado para fazer um bilhete onde escreveu a palavra “amor”, destacada no mapa em vermelho. Martim não teve muita paciência para terminar as texturas no corpo da folha. Nesta primeira atividade fiquei surpresa com o fato de uma criança aparentemente violenta e temida se mostrou tão doce e amorosa, explorando o símbolo do coração durante toda a sessão. Martim fez questão de repetir o trabalho, para colher mais um coração, que guardou cuidadosamente para

² Nome fictício.

entregar posteriormente para a menina, pela qual disse estar apaixonado.

Na segunda atividade foi disponibilizada para Martim a massinha que, com ela, fez uma cidade organizada com prédios, casas, carros e caminhões, de um lado, e um zoológico do outro. O zoológico foi representado com uma grade muito reforçada, praticamente um muro, uma fortaleza. Ao longo do processo Martim mencionou animais em casais. Percebi que Martim gosta muito de modelagem e que aprecia as texturas e a temperatura da massinha, em especial a que representa o lago, muito liso e frio. No mapa, o alto envolvimento de Martim nessa atividade é destacado na sessão “reações”, em verde, com grifo vermelho em “muito envolvimento”.

Na atividade 3 foram oferecidas ferramentas de desenho. Martim desenhou um arco-íris tênue sob o qual estavam eu e ele. Martim mostrou-se muito amoroso comigo, retribuindo gentilezas e sorrisos com facilidade. Estava muito tranquilo, interessado e cooperativo, muito disposto a conversar sobre estar apaixonado por uma menina na escola (de quem não quis mencionar o nome). Observei que Martim tem dificuldades para escrever e representar números. Martim relatou que sonha com o segredo do colega Ryan, no qual aparecem mulheres feias e bonitas. No mapa grifei em vermelho a palavra “conversa”, pois foi durante essa atividade que Martim mais esteve disposto a dialogar. Disse que gosta das aulas de artes e de educação física. Penso que a modelagem deve ser trazida sempre que possível, pois foi a materialidade com a qual mais se identificou, desejando alongar a atividade.

Foi possível perceber que o mapa permite rapidamente visualizar a estrutura da sessão, as conexões feitas ou a serem feitas e identificar, por palavras-chave, os “ganchos” para seguir nas intervenções futuras junto a Martim.

Mapa da LUCIA. Processo de um mapear

Da intenção de fazer um esquema visualmente objetivo sobre as reações de adolescentes residentes de um abrigo, em uma Casa Lar localizada na zona Norte da cidade de São Paulo, a uma atividade proposta, nasceu este mapa, no qual se vê

as principais respostas apresentadas durante ou após a atividade, que tinha o objetivo de

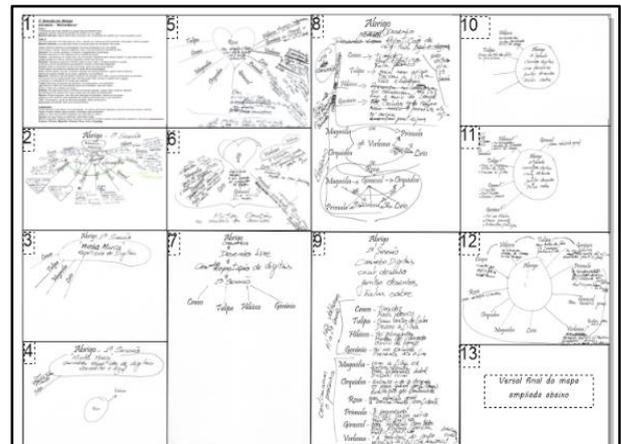


Figura 05. Mapa realizado por Lucia. Processo de um mapear

retratar, nesse primeiro encontro, alguns traços da personalidade de cada um e das relações entre eles.

A tarefa consistia em usar o recurso do carimbo das próprias digitais repetidas vezes para criar um desenho livre, numa folha sulfite A4 branca. Na segunda etapa da atividade, os desenhos foram unidos por uma fita crepe pelo verso dando origem a um mural (uma rede de relacionamentos), no qual eles puderam contemplar suas produções e falar sobre si, como membro relacional desse grupo.

Acostumada a escrever bastante e ciente de ser prolixa em minhas explanações, tanto falada quanto escrita, meu primeiro impacto ao fazer este mapeamento, foi ter que lidar com a *síntese* e com o *ter que desenhar*. Eu simplesmente não sabia por onde começar e acabei fazendo o costumeiro texto, acusando o tempo de ser insuficiente para que eu pudesse cumprir a tarefa solicitada.

Seis dias. Esse foi o prazo dado pela professora, após a aula, para fazer um “novo” mapa. Entretanto, por razões que o inconsciente poderia explicar, só consegui olhar para a tarefa no dia marcado para a entrega.

Eu já estava consciente das minhas dificuldades, mas não fazia ideia do tamanho delas, até passar a tarde inteira daquele dia tentando desenhar o “bendito” mapa.

Para proteger a identidade dos adolescentes, atribuí a cada um, o nome de uma flor de acordo com a forma com a qual os sentia: flores diversas e coloridas, que compunham um jardim encantado e cheio de

vida, perfumado pela soma de singularidades.

Foram doze tentativas cheias de angústias (Figura 05), que me trouxeram muitas reflexões sobre perfeccionismo e resistência, que me pouparam alguns meses de terapia. A exaustão foi o espelho a quem perguntei até onde eu pretendia insistir em ver as coisas daquele ângulo.

Como havia muitas questões a serem mapeadas, senti inicialmente dificuldade em lidar com esta multiplicidade de possíveis abordagens. A seleção do conteúdo foi apenas uma das dificuldades que encontrei; mas o processo de reconhecimento de um foco ao mapa foi tão rico que desejei compartilhar aqui um pouco desta vivência:

Imagem 1 (dentro da Figura 05). Este foi o primeiro mapa. Depois de enviado para avaliação pela professora, percebi que nem mesmo com o texto corrido eu havia conseguido inserir todas as informações que eu achava pertinentes ao processo. Havia sido dada a nós a possibilidade de revisitar o mapa inicial e realizar uma refacção após as trocas em aula. Assim, me vi com seis dias para fazer diferente.

Imagem 2. Tentei esquematizar as principais características de cada participante da sessão dentro de um triângulo. O espaço mostrou-se pequeno para conter o mínimo de informações e comecei a escrevê-las do lado de fora, abaixo dos nomes. Porém, o texto começou a se misturar com os nomes por falta de uma divisão adequada do espaço. Nesse mesmo esquema, tentei destacar com lápis verde, os participantes que seguiram o processo após esse primeiro encontro. Pareceu-me complicado organizar num mesmo espaço tanta coisa.

Imagem 3. Nova tentativa de dividir o espaço. Retirei os triângulos e a descrição das cores dos carimbos. Achei mal dividido. Peguei outra folha.

Imagem 4. Retomei este quarto mapa com o mesmo pensamento de dividir melhor a ocupação da folha, mas minha noção de igualdade em termos de divisão de espaço precisava de “revisão urgente”. O balão que envolvia o título ocupou um terço da folha. Como se não bastasse esse conflito com as minhas habilidades gráficas, no meio dessa reflexão, veio a ideia de organizar os nomes de maneira que eu pudesse retratar as relações entre os pacientes. Sem pensar, desenhei um círculo central para tentar

indicar que Rosa era a pessoa que se relacionava bem com todos. Pensei que a partir dela, eu poderia indicar as outras relações. O espaço restante da folha não seria suficiente. Interrompi.

Imagem 5. Naquele momento pensei então que retratar as relações entre os pacientes, me parecia ser a informação mais importante do mapa. E foi aí que decidi começar por um coração grande e central para estruturar tudo a partir de Rosa, a *confidente* e *conselheira* do grupo. A organização geral do mapa parecia estar fluindo bem, mas foi então que eu lembrei que também era necessário escrever algo sobre o que havia sido observado em termos de produção do grupo. Assim, antes mesmo de escrever as informações pessoais de todos os membros, criei uma chave para falar sobre a queda vertiginosa do volume da voz de todos eles ao falarem sobre as emoções e impressões que haviam vivenciado durante a atividade. Gostei da ideia, mas ficou feio! Decidi tentar de novo.

Imagem 6. Tentei. Aproveitei para inserir mais uma informação importante sobre o coletivo: a maioria das produções continha muitos corações. Ia colocar também a informação sobre as vozes, mas as setas, chaves e balões somados ao excesso de texto, naquela configuração, estavam deixando o mapa muito poluído visualmente. Esqueci essa ideia e me propus a recomeçar do zero.

Imagem 7. Virei a folha! Inseti as informações principais sobre a atividade e pensei em começar pelos membros que não retornaram depois dessa atividade. Olhei para o que tinha feito e percebi que embora já tivesse ocupado quase metade da folha, não tinha sequer começado a mapear o mais importante. Abandonei.

Imagem 8. O que seria mesmo o mais importante? Já não estava conseguindo responder a essa pergunta. Consegui colocar muitas informações e fazer até um esquema relacional, mas não havia mais espaço para escrever as características sobre os que seguiram o processo. Decidi refazer, insistindo nesta mesma ideia. Olhando os oito mapas, esta orientação me parecia ser a melhor que eu tinha feito até ali.

Imagem 9. Gostei. Havia ficado mais *clean*. Mas onde foi parar o esquema relacional? E as informações sobre o coletivo? O mapa daquela forma estava

incompleto. O formato, o layout... fiquei me perguntando sobre o que estaria emperrando a conclusão de uma tarefa aparentemente tão simples? A resposta era tão simples quanto a tarefa: eu precisava aceitar que era impossível colocar naquela folha única, a quantidade de informações que eu queria, sem criar um caos visual. Então mudei tudo!

Imagem 10. Voltei ao formato paisagem. A folha nessa posição parecia favorecer visualmente o meu mapa e suas muitas informações textuais. A ideia do círculo central como um sol e cada membro como um de seus raios de luz, me animou. Ia funcionar! Mas não necessariamente nessa primeira tentativa. Precisava melhorar!

Imagem 11. Repeti o desenho. Agrupei os que não retornaram depois dessa sessão do lado esquerdo (eles eram apenas quatro) com espaço suficiente para escrever suas características. Ao mapear os participantes que seguiram o processo, tentei imaginar como eu organizaria mais sete pessoas se eu já havia ocupado quase metade da folha. Claro que já sabia que isso terminaria mal. Nem continuei!

Imagem 12. Ainda assim a ideia me parecia boa; eu só precisava distribuir melhor o espaço entre os onze membros a serem retratados. Tinha que dar certo! Eu já estava muito desgastada com tudo aquilo. Já havia mandado mensagem para a professora, manifestando minha aparente incapacidade de cumprir aquela tarefa. Mas “desistir” é uma palavra que não consta no meu dicionário. Agrupei os membros que não seguiram o processo na parte de cima, distribuí os demais da maneira mais uniforme que consegui e interliguei os membros. Havia começado a inserir as informações pessoais de cada um quando percebi que não haveria espaço para detalhar mais nada. Foi então que me dei conta: eu precisava parar, respirar e aceitar as limitações. Todas elas! As minhas e as da cartografia. Foi o que finalmente acabei fazendo, quando aceitei a estes limites!

Imagem 13. Dei uma volta no jardim. Voltei, peguei uma folha em branco, coloquei-a na posição retrato (de pé) e comecei a lutar, como se isso representasse o ato de me reerguer, depois de ter perdido várias batalhas para meu próprio “exército de soldados-juízes impiedosos”. Ainda debruçada sobre a ideia do sol e seus 11 raios, descrevi os membros do grupo,

destaquei os que continuaram e os que desistiram do processo, pontuei algumas questões relevantes sobre o coletivo geral, mas abri mão de retratar as relações entre eles. Esta informação ficaria para um outro mapa. Ponto final!

Somente ao me permitir um deslocamento, pude aceitar a 13ª e última versão do meu mapa imperfeito (Figura 06), cujo objetivo único era retratar o comportamento dos meus pacientes; algo que, talvez, eu tivesse concluído em alguns minutos.

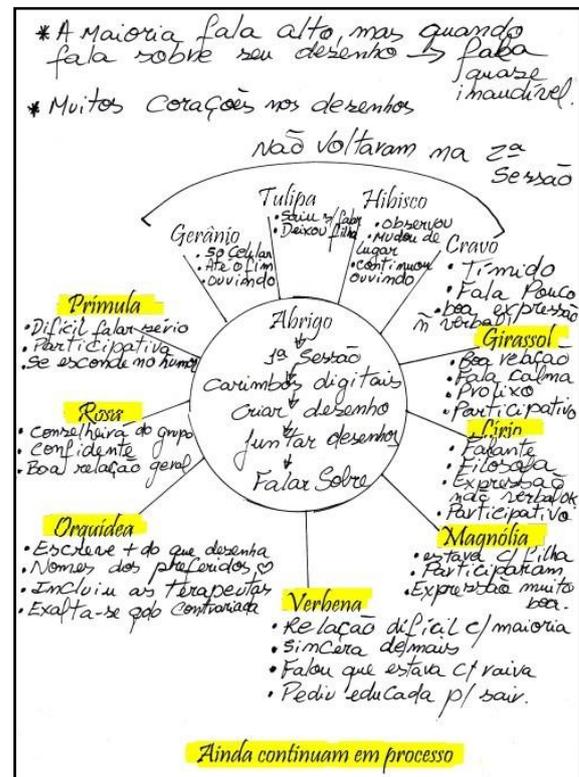


Figura 06. Mapa realizado por Lucia. Uma síntese possível

Mapa do RENAN. Leituras de um encontro

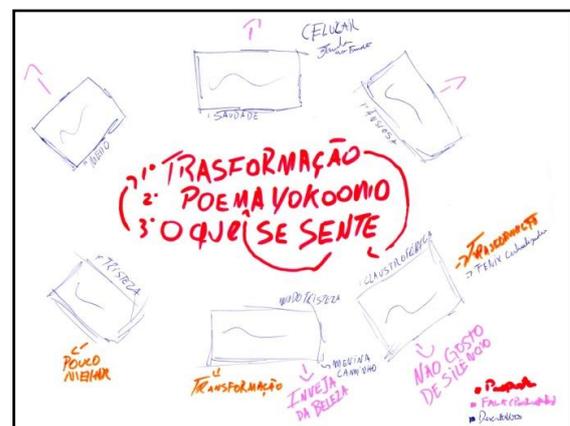


Figura 07. Mapa realizado por Renan. Leituras de um encontro.

O desenho desse mapa (Figura 07) aconteceu após uma sessão online junto a um grupo de adolescentes jovens adultos com idades entre 15 e 22 anos.

O intuito deste mapeamento foi o de observar a dinâmica da minha atuação em algumas instâncias e que, ao fim se tornam termômetros da sessão: minha relação com o que é trazido pelo grupo e o que percebo prioritariamente durante o processo.

Dos centros e das bordas. Aqui explico a organização do mapa. As anotações estão divididas em o centro e as bordas, sendo que o que é inscrito na parte interna tem convergências da minha fala com o grupo e a maneira como cada indivíduo se apresenta sentimentalmente. Já na parte externa estão as anotações referentes ao processo de percepção da sessão do seu transcórre até o final, com comentários que também se dedicam às minhas hipóteses de leitura e para os encaminhamentos no próximo encontro.

Das centralidades. Ao centro do mapa, com as letras em vermelho, fica o trajeto do meu pensamento inicial como arteterapeuta referente a dialógica que se pretende referente ao tema. Para esta organização foram enumeradas percepções - na ordem do que se traz antes, do que trazem seguida e o que se recolhe durante -, conectadas de tal forma a explicitar uma dialógica:

Item 1. Temática (O que se pretende durante o processo da sessão)

Item 2. Proposta (Texto escolhido para a sessão)

Item 3. O que se sente (O sentir de cada indivíduo no início)

A dialógica se dá, graficamente, nos curvamentos das setas entre os itens: o item 3 vai convergir para o desenrolar do item 1, do item 1 acontece a proposta (texto) que se apresenta como item 2. Vale ressaltar que o item 3 também está de acordo com os sentimentos inscritos na parte inferior de cada retângulo (cada um representa um indivíduo e sua produção), que agrupados sugerem uma figura hexagonal.

Das bordas. As setas que saem desses retângulos, de coloração rosa, são falas que aconteceram durante a produção, falas que foram observadas por reverberar no grupo, ou seja, em diferentes níveis houve alguma manifestação, quando ditas, por outros integrantes do grupo, se não todos, uma boa

parte deles. O que se torna temática para ser abordada em um próximo encontro.

Das setas azuis para o externo são os títulos dados às produções após concluídas, nem todas o possuem pois nem todos foram nomeados. As laranjadas são comentários que alguns falam após a produção.

Em resumo, o exercício de mapear se aproxima das dinâmicas que percebo no processo arteterapêutico, o registro do mapa permite observar o processual e dar bases ao que sinto enquanto o que está em jogo nas relações grupo e terapeuta, assim em organização gráfica tento aproximar as relações objetivas e subjetivas, criando contextos para as dialógicas e deixando algumas hipóteses para próximas sessões.

Mapa da RITA. A reações do arteterapeuta

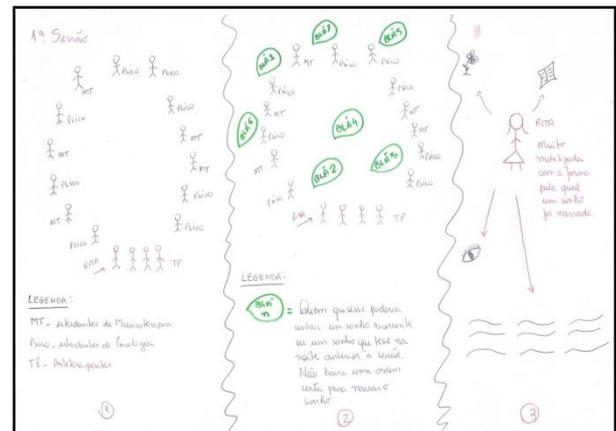


Figura 08. Mapa realizado por Rita Bachin. As reações do arteterapeuta.

O mapa realizado (Figura 08) se refere à primeira Sessão do *Grupo Sonhos e Arteterapia – Um caminho de autoconhecimento* dentro do Programa de Extensão da Responsabilidade Social em uma instituição de ensino superior na cidade de São Paulo. Os participantes sendo adultos, estudantes da instituição e maiores de 18 anos.

Para elaborar este mapa dividi as questões presentes em um dos encontros arteterapêuticos em três partes: as duas primeiras referentes às dinâmicas da sessão e a terceira referente a mim como arteterapeuta deste encontro.

Na primeira parte, à esquerda, apresento um esquema do grupo atendido, uma legenda, bem como a disposição dos participantes na sala.

Na segunda parte, central, esquematizo a dinâmica de narração de sonhos dos pacientes (proposta da atividade) que se

sentem à vontade para fazê-lo. Com o esquema realizado procurei evidenciar que não há uma ordem para isto, cada paciente se manifestou quando achou que fosse o momento certo. Nesta etapa foram recorrentes os comentários do grupo após a narração de um sonho.

Na terceira parte, à direita, me desenhei e explicitiei através de desenhos alguns dos elementos referidos por um dos pacientes cuja narração do sonho me mobilizou muito.

Cada um dos símbolos que usei tentei retratar como esta mobilização reverberou em mim por alguns dias, de algumas formas: Manifestação de vários sentimentos (flor), a dúvida de conhecimento ou não conhecimento (livro aberto), o olhar do outro (olho) e a existência de inquietação ou não (ondas do mar, ora agitadas ou não, no canto inferior à direita).

Foi muito importante fazer esta última parte. Diferentemente das duas primeiras, com ela pude perceber um aspecto importante do atendimento de tal forma que ela concluiu o processo de compreensão do meu atendimento.

Mapa da ROSANA. Um tempo de represetamento para reflexão e análise



Figura 09. Mapa realizado por Rosana Laguna. A primeira abordagem, primeiras impressões

O mapa construído foi resultado de uma busca na qual se procurou refletir sobre as atividades, sensações e ações praticadas no segundo encontro realizado com quatro mulheres portadoras de condições reumáticas, autoimunes e lúpus, frequentadoras de uma associação que visa auxiliar a superação das dificuldades decorrentes dessas condições localizada na zona sul da cidade de São Paulo.

Na plataforma, a vibração anuncia a aproximação do trem. No coração, a aproximação da expectativa do encontro. A escada, a saída, a calçada, a campainha. Lá a interação se dá entre a conversa e a massinha. A observação se concretiza na conexão, no gesto, na materialidade produzida, no silêncio da reflexão e impressões imediatas.

Como transformar todas aquelas anotações rápidas e aparentemente caóticas numa imagem que dê sentido e direção à próxima etapa do processo? Como identificar e extrair o que é sumo do ocorrido?

Posteriormente, no silêncio, a reflexão da leitura das anotações e o chamamento da memória para tentar ainda laçar algo que tenha escapado. Nesse momento, vem a percepção do quanto essa interação modificou não só quem manuseou o material, no seu exercício de expressão, mas também o observador, que nessa oportunidade de rememorar desce de sua prepotência de ente separado e se vê misturado ao que se deu ali.

Então, começa-se a rascunhar. Buscam-se elementos que possam ser separados, pinçados, enlaçados, as palavras chave. Quais foram as falas? Qual a correspondência delas com o que foi produzido? Quais as interações entre os participantes? Quais foram minhas sensações e sentimentos, a partir do trabalho arteterapêutico desenvolvido com mulheres portadoras de doenças reumáticas, autoimunes e lúpus?

Nessa busca surge um mapa que procurou refletir o trabalho com estas pessoas.

A composição deste primeiro mapa já começa a delinear uma proposta. A cada participante foi designada uma cor circundando a atividade assinalada no centro. Do mapa original, os nomes foram cobertos com tarjas coloridas para preservar a identidade de cada uma. As falas em preto, minhas primeiras impressões em caneta azul. “Mas a segunda “atividade” que surgiu concomitantemente à massinha, como colocá-la?”. Aqui ela ficou dentro do quadro azul, central, tomando de assalto a importância do que estava sendo representado a partir da massinha, que não aparece representada aqui. Fica evidente, então, a necessidade de uma nova versão.

Tomando o primeiro mapa como reflexão e a partir das insatisfações e insuficiências que ele me pronunciava, passei à elaboração de um segundo. Agora feito no computador usando como recurso um editor de texto, numa tentativa, talvez, de represar, dessa vez, toda a emergência do vivido.

Desta vez (Figura 10) as atividades concomitantes ficaram separadas em dois círculos azuis e relacionadas por uma flecha biunívoca. Os participantes também em círculos, cada um carregando a foto de sua produção, aninhados próximos da “atividade principal”. Na “atividade secundária” (representada pelo segundo círculo azul à direita) os participantes reaparecem também em círculos, cada um trazendo sua própria cor, porém em dimensões menores.

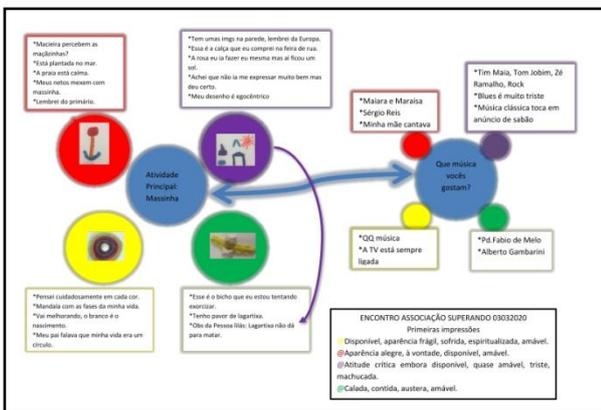


Figura 10. Mapa realizado por Rosana Laguna. Segunda abordagem, representamentos

Nos quadros, com moldura colorida igual à cor designada a cada participante, foram colocadas falas consideradas e sentidas por mim como tendo sido as mais significativas. Aí surge a pergunta: são essas mesmo as falas mais significativas? As que foram deixadas de lado eram menos importantes? Como pode o observador se arvorar nessa curadoria?

Embaixo, à direita, o quadro emoldurado em preto procura mostrar hipóteses das primeiras impressões causadas em mim a partir da personalidade de cada paciente. Será que nos próximos encontros essas serão confirmadas ou transformadas?

Com o suceder de reuniões, a adição dos diversos mapas facilita a apreensão dos itens relevantes do processo que se deu até então, uma cartografia, que descreve “o mapa do tesouro”, que pode apontar caminhos a seguir, não só para o observador, mas também para o participante da atividade

arteterapêutica em sua busca do caminho de individuação; numa parceria.

Portanto, paralelamente à fundamentação teórica e ao uso da propedêutica dos materiais, a questão metodológica assume um papel de suma importância no desenvolvimento do trabalho arteterapêutico. Não se pode seguir “às cegas”. Cada próximo passo deve ser cuidadosamente planejado, resultando de profunda reflexão sobre o que foi desvelado até então. Trata-se mesmo de seguir as pistas deixadas pela ordem consciente e inconsciente do sujeito que está sendo atendido e acompanhado, como numa trilha: há um galho quebrado aqui, uma pegada recente mais adiante seguida de uma marca na árvore. É da identificação e do recolhimento destes índices que a cartografia vai acontecendo.

Mapa da THAYNÁ. Simplificar para revelar

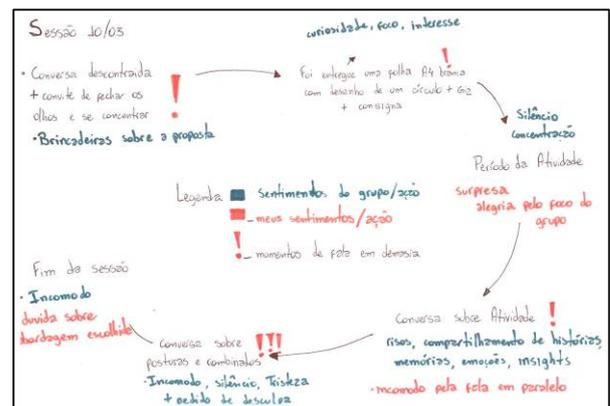


Figura 11. Mapa realizado por Thayná. Primeira tentativa

Sintetizar os acontecimentos de uma sessão de forma eficiente é um exercício que demanda tempo e que cada indivíduo desenvolverá em sua prática terapêutica. Os mapas apresentados são resultado de uma proposta de atividade da disciplina de *Raciocínio Arteterapêutico* na qual se realizou a construção de dois mapas: o primeiro sendo o contato inicial com ferramenta cartográfica o segundo sendo revisão do primeiro com um tempo de elaboração maior e com mais embasamento teórico.

Neste escrito vou compartilhar o ganho e as possibilidades de observação que o exercício de cartografia me propôs a partir da comparação destes dois mapas.

Estes mapas foram feitos com intuito de registrar a quinta sessão de um processo

arteterapêutico realizado na Casa Lar, localizada na zona Norte da cidade de São Paulo, com um grupo misto de sete adolescentes entre 16 e 18 anos, os encontros aconteceram semanalmente com duração de duas horas sob a facilitação de duas estagiárias.

A escolha dessa sessão se deu por sua reverberação em meu processo de aprendizagem e minha necessidade de reaver escolhas de falas e posicionamentos no decorrer do encontro.

Na primeira tentativa de registro (Figura 11) as anotações se configuraram de forma circular em volta da legenda. Optei em descrever as etapas das atividades e abaixo delas levantei sentimentos manifestados pelo grupo, bem como meus sentimentos e ações. Pontos de exclamação vermelhos sinalizaram a conversa, por mim entendida como demasiada, por parte do coletivo.

No segundo mapeamento (Figura 12) as etapas da sessão foram inseridas na parte inferior do mapa de forma sucinta. Na parte esquerda inseri observações sobre a relação de cada um com a materialidade e o fazer. Na parte direita foram colocadas falas que cada paciente compartilhou sobre sua produção. Pontos em comum entre eles foram inseridos na parte central. No canto superior direito, sob o título de intercorrência, foi feito o registro da fala “em demasia” do grupo e a necessidade dos terapeutas intervirem de forma recorrente na dinâmica.

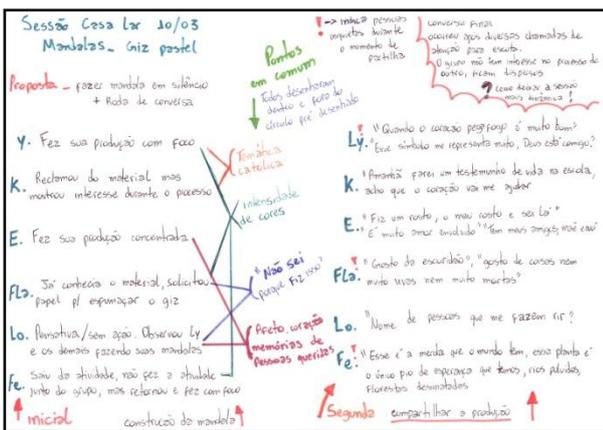


Figura 12. Mapa realizado por Thayná. Segunda tentativa

Comparando os mapeamentos foi possível observar a mudança da questão central. O relato do processo no segundo mapa ganha detalhes, o coletivo antes homogêneo recebe representações individuais com falas e notações de

comportamento não citadas no primeiro mapa. Os pontos em comum destacados, entre os indivíduos, possibilitaram o planejamento de sessões seguintes que passaram a entrelaçar e contemplar melhor as necessidades dos pacientes.

Estes caminhos foram elucidados a partir da observação gráfica da primeira tentativa, que possui o mesmo objetivo de descrição, mas sua configuração ao centralizar o campo emocional e expor uma preferência no nomear das emoções, não possibilitou a apreensão do processo de forma ampla.

Concluo que diferentemente da escrita corrida de um relatório, o cartografar me permitiu a visualização das escolhas subjetivas em meu raciocínio arteterapêutico, revelando o que de fato está decantado emocionalmente para construção de uma narrativa de qualidade da sessão.

Mapa da VANESSA. Identificando recorrências

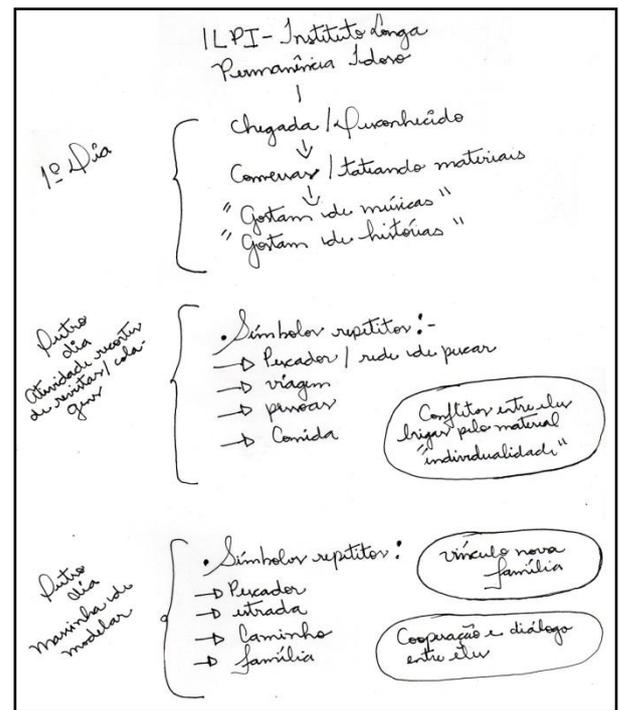


Figura 13. Mapa realizado por Vanessa Abreu. Identificando recorrências

O mapa que elaborei foi baseado nas atividades com um grupo de idosos em uma casa de repouso localizada na zona Norte da cidade de São Paulo. Minha primeira aproximação com este grupo se deu através de um diálogo, no qual pude conhecer seus principais interesses e gostos, que para minha surpresa se mostrou ser algo coletivo:

a música e a narração de histórias.

Este mapa (Figura 13) está dividido em dias que correspondem a três diferentes encontros. Em “outro dia” destaquei os materiais trabalhados e os símbolos repetidos encontrados. Do lado direito coloquei balão dentro dos quais estão as minhas observações e considerações em cada sessão.

No primeiro dia de atividade com materiais expressivos foram utilizados recortes de imagens de revistas. Os símbolos que se apresentaram foram: pescador, rede de pesca, viagens, pessoas e comida. Destaquei que nesta situação o grupo apresentou conflitos e individualismo.

Num outro dia utilizei o recurso de massinha de modelar. Os símbolos que se apresentam foram: pescador, estrada, caminho e família. Destaquei que o grupo teve uma transformação, havendo diálogo entre eles e cooperação. Registrei também que seria enriquecedor realizar atividades que pudessem formar vínculos entre eles, formando e reforçando os vínculos já existentes.

A criação deste mapa favoreceu a reflexão, pois destacou as situações mais importantes, o que permitiu uma melhor identificação de todo o processo arteterapêutico deste grupo. Isto permitiu que ficasse salientado o objetivo e os resultados atingidos. Considero o mapa uma ferramenta prática, que auxilia e possibilita o arteterapeuta desvelar questões a serem trabalhadas nas consecutivas sessões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de mapear, e na sequência dos mapeamentos construir uma cartografia, se revela como uma forma potente de sistematização, reflexão e síntese ao arteterapeuta. Pelos relatos compartilhados neste texto é possível reconhecer, neste fazer, várias ordens de mobilização que são acionadas.

A construção do mapa é, por si, um lugar de exercício de análise e de desvelamentos. Fazer o mapa com um material que possa ser flexível (como um lápis grafite ou um editor de textos/imagem)? Refazer um mapa, pois no processo se percebeu que aspectos fundamentais não constavam? Selecionar um foco de atenção que aprofunde uma abordagem (as reverberações do encontro

no arteterapeuta/ a potencialidade de materialidades num determinado grupo/ a sequência cronológica das ações somadas a percepções, falas e comentários/ a sequência de escolhas entre materiais/ os conteúdos simbólicos explicitados/ o destacar de decorrências possíveis num contexto ocorrido)?

Ainda assim, mesmo de posse de uma intenção de mapa antevista, o processo conduzirá, muitas vezes, para caminhos, links e associações não previstas, o que faz deste exercício de síntese um percurso, um percorrer. É esta imprevisibilidade e riqueza do mapear que nos coloca em um lugar de efetiva criação. Passamos a ocupar o lugar de criadores de um memorar, que se pauta no ocorrido e no que permanece dentro do arteterapeuta. Um mapear que ajuda a explicitar projeções e esgarçar invisíveis. De fato, como disse Lúcia, “antes de começar não dá para saber como vai ficar”.

Neste processo cada arteterapeuta lança mão de seus recursos plásticos e gráficos e temos, desta forma, mapas que não seguem regras e que são bastante singulares na construção de um campo de comunicação visual.

O emprego de palavras, data, hora, localizações, esquemas, gráficos, flechas, setas ascendentes e descendentes, linhas, arcos, traços pontilhados, cores, fotografias, numerações, botões, balões, sinais, grafismos, tamanhos, proporções, proximidade entre as partes (grudadas, afastadas), podem denotar ligações, conexões, links, relações decorrências, temporalidades, reações e temporalidades.

Esta comunicação, que inicialmente é ferramenta para si como elemento da prática arteterapêutica, e que neste sentido assume associações muitos particulares (uma determinada cor significando uma determinada interpretação) podem, numa ordem pública de comunicação, ganhar legendas e assim também revelar o raciocínio arteterapêutico daquele arteterapeuta. As formas de pensar, abordar, interpretar e se relacionar comunicadas em uma possibilidade de compartilhar que se aproxima da visualidade na qual se apoia a própria prática deste fazer, uma linguagem visual.

Segundo Ana, para o fazer complexo do arteterapeuta, essas ferramentas – mapeamento de cada sessão e cartografia na sequenciação das sessões – são adequadas

para uma maior análise e síntese através da visualização do processo terapêutico. São ferramentas facilitadoras da análise e síntese da sessão ou sequência das sessões, comparadas aos registros escritos e aos protocolos convencionais.

Pois é exatamente no campo desta visualidade que a linearidade dos registros escritos fica subvertida. O mapear oferece concomitâncias, oferece a possibilidade de “ver”, ao mesmo tempo e num mesmo plano, diferentes camadas. Esta é uma das riquezas do mapear. Nos relatos é possível reconhecer vários comentários neste sentido: “permite reconhecimentos imediatos”, “desvela graficamente aspectos não percebidos”, “permite expor complexidades”, “desvela aspectos que poderiam estar ainda obscuros do próprio arteterapeuta”, “permite estudos”, “desvela lógicas entre falas e fazeres”.

Segundo Rosana é nesse sentido que se evidencia o cartografar “como subsídio importante para a visualização e apreensão do que já foi exposto ao longo dos atendimentos, do que ainda precisa ser trabalhado e, do caminho por onde ir, como ir, para possibilitar a emergência do conteúdo interno que está armazenado no sujeito que está sendo atendido”.

Como síntese de aspectos da experiência, ao dar visibilidade, ao trazer à pauta o tempo: o mapear cartográfico se efetiva como um recurso ímpar da prática arteterapêutica se relacionando, “apostando” e dialogando com a ordem imagética e espacial intrínseca aos processos na plasticidade entre individuação e simbolizações.

REFERÊNCIAS

- CARERI, Francesco. Walkscapes: O Caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- JUNG, C.G. Memórias, Sonhos e Reflexões. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989, p.355.
- PASSOS, E. e Eirado, A. (2009) Cartografia como Dissolução do Ponto de Vista do Observador. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção

de subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 109-130.

POZANNA, L. (2014) A formação do cartógrafo é o mundo. In: Passos, Kastrup e Tedesco (Orgs) Pistas do método da cartografia. A experiência da pesquisa e o plano comum. V. 2. Porto Alegre: Sulina.

POZANNA, L. e Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.p. 52-75.

KASTRUP, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos, E., Kastrup, V. e Escóssia, L. (Orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade. V. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.32-51.

KASTRUP, V., TEDESCO, S. e PASSOS, E. (2015) primeira reimpressão. Primeira edição, 2008. Políticas da Cognição. Porto Alegre: Sulina.

AUTORES

Ana Maria Caramujo Pires de Campos

Bacharel e Licenciatura em Psicologia (Unip); Especializada em Psicoterapia Junguiana e Corpo (Sedes Sapientiae), e em Psicologia Clínica (CRP); Especialista em Musicoterapia (FPA); Magíster no Modelo Benenzon (Fundación Benenzon); Mestre em Ciências Médicas (Unicamp); (11) 991230384. anamariacaramujo@gmail.com

Chadia Hamze

Bacharel em psicologia (FMU), Curso de formação em programação Neurolinguística (INEXH), Curso de Desenvolvimento e Liderança (INEXH) e Pós-graduanda em Arteterapia Analítica (FMU). (11) 93287-5037 / chadiahmz@hotmail.com.

Giovanna Evangelista Florêncio

Bacharel em psicologia (FMU). (11) 97179-4883 / giovanna.evangelistaf@gmail.com

Lilian Martins Vieira

Pós-graduanda Arteterapia Analítica (FMU); MBA Gestão - FEA (USP); especializações FIA/FEA (USP); Bacharel Administração de Empresas - FEA (PUC-SP); Psicanálise (IBCP). Fotógrafa amadora (Ansel Adams Gallery e Harvard University, entre outros). Ikebana, cerâmica,

sumi-ê, aquarela, batik e shibori (diversos mestres). (11) 9-9934-7653; lilian.martins.vieira@gmail.com.

Regina Lucia Perez Barreto

Bacharel em Musicoterapia e pós-graduanda em Arteterapia pela FMU – Laureate International Universities. Cantora, atriz, dançarina, produtora e diretora musical. Musicoterapeuta atuou no NUDEC (Núcleo de Envelhecimento Cerebral) – Hospital São Paulo. Atende em consultório particular de Musicoterapia. (11) 97333-1751 / luciaperez.musicoterapeuta@gmail.com

Renan Braz

Licenciado em Artes Visuais pela UFMS, Curso de Extensão em Direção de Arte pela Belas Artes, Visual Merchandising pela FAAP, Edição de vídeo SENAC - MS. Pós-graduando em Arteterapia Analítica (FMU). Arte-educador em centros culturais FIESP e SESC, Professor de arte e Oficineiro. 11.999480658 /renanrbraz@gmail.com

Rita LuisaBaccin

Bacharel em Matemática pela Fundação Santo André, Pós- Graduação / Curso de MBA em Gestão de Tecnologia da Informação pela USP, Especialista em Liderança Positiva - Equipes de Alto Desempenho pela HSM. Especialista em Recrutamento e Seleção de Pessoas pelo SENAC. Professora de Italiano. 11.981756597 /rlbaccin@uol.com.br

Rosana Lagua

Bacharel em Física (USP), Mestre em Astronomia (IAGUSP), Doutorado em Física Nuclear (IPEN/USP), projetos de pesquisa: Astrofísica Extragalática e Gerenciamento de Rejeitos

Radioativos (FAPESP/CAPES). Especialização em Psicopedagogia. Aquarela, acrílica, desenho, cerâmica com Tuneu Rodrigues, Dudi Maia Rosa, MegumiYuasa. 11.987876655 rosanalagua@uol.com.br

Tatiana Fecchio

Bacharel e licenciada em Artes Visuais (Unicamp), Pedagoga (Unifran), com mestrado e doutorado em Arte (Unicamp- FAPESP/CAPES) e especializações realizadas nas áreas de "Artes e Novas Tecnologias" (UnB), "Arteterapia" (Unicamp), "Caminhada como Método para a Arte e Educação" (Casa Tombada/Edith Derdyk). 11.964195047 / tati.fecchio@gmail.com

Thayná Oliveira

Bacharel em Musicoterapia (FMU), Pós-graduanda em Arteterapia Analítica (FMU). Violoncelista (Fundação das artes de São Caetano do Sul) e Sonoplasta (SP escola de Teatro). / 1194609-4281 thaynadovalle.o@gmail.com

Vanessa Abreu

Licenciada em Pedagogia (Anhanguera); Arteterapia Analítica (FMU). 11 97466-6311 abreus.vanessa@gmail.com

Nota da redação:

Quem desejar detalhes sobre as imagens apresentadas, por favor, entre em contato com os autores.